

O espólio do autor: reflexão sobre a dinâmica da função autor na internet a partir de crônicas falsamente atribuídas a Luis Fernando Verissimo

The author's booty: a reflection on the dynamics of the author function based on texts falsely attributed to Luis Fernando Verissimo

Breno Fernandes

Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Com bastante frequência se encontram na internet textos que levam a assinatura de autores ovacionados, mas que não foram escritos por eles. O gaúcho Luis Fernando Verissimo, com efeito, é um dos escritores nacionais contemporâneos que recorrentemente tem sua assinatura espalhada por textos apócrifos. A constatação desse fenômeno suscita duas questões que este artigo tenta responder. Em primeiro lugar: como se explicam a existência e a proficiência de uma assinatura falsa, associando determinado texto a Verissimo? Em seguida: qual o esteio da motivação que leva alguém a pôr a assinatura Luis Fernando Verissimo como marca de um texto próprio ou de outrem? As hipóteses que se apresentam como respostas partem dos conceitos de *função autor*, de Michel Foucault, e de *performance do leitor*, elaborado com base nas reflexões de Antoine Compagnon sobre a mimese. Com base neles se busca interpretar o fenômeno das assinaturas falsas como ato de produção de sentido de si, que é também um sentido sobre o valor de si, do eu, engendrado a partir do *outro*.

PALAVRAS-CHAVE

Assinatura. Função autor. Performance. Luis Fernando Verissimo

ABSTRACT

Quite often we find on the internet texts that bear the signature of acclaimed writers, but that were not written by them. The Brazilian writer Luis Fernando Verissimo is one of the contemporary national writers whose signature people frequently put in apocryphal texts. This phenomenon raises two questions that this article attempts to answer. Firstly, how can we explain the existence and productivity of a fake signature that associates a text with Verissimo? Secondly, what would be the motivation behind someone putting the name Luis Fernando Verissimo as the mark of their own

Breno Fernandes

Bacharel em Comunicação Social/
Jornalismo e em Letras Vernáculas,
Mestre em Relações Internacionais
e Doutor em Literatura & Cultura
pela Universidade Federal da Bahia.
E-mail: brenofernandes@gmail.com.
Orcid <https://orcid.org/0000-0002-2674-2817>

Recebido em:
26/08/2023

Aceito em:
01/10/2023

SET / DEZ 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 4-13

or someone else's text? The hypotheses we present as answers stem from Michel Foucault's concept of *author function* and Antoine Compagnon's elaboration on *performance* and *mimesis*. Based on these concepts, the fake signatures phenomenon would be an act of self-valuation regarding a text that demands others recognize the same amount of value in this text.

KEYWORDS

Signature. Author function. Performance. Luis Fernando Verissimo.

Você decerto já se deparou na internet com textos apócrifos cuja autoria foi atribuída a um escritor ou escritora de renome nacional. Arnaldo Jabor, Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector, Paulo Coelho e Luis Fernando Verissimo são algumas das assinaturas que se veem recorrentemente coladas a aforismos, epigramas, frases e parágrafos inteiros que, às vezes, nem sequer fazem jus ao estilo desses autores — isto é, à cadência de sua escrita ou ao gosto por certos temas e abordagens.

Noutras vezes, o que chama atenção em tais textos apócrifos é o êxito na replicação de marcas facilmente reconhecíveis de seu suposto autor, o que não significa dizer que essas marcas sejam *exclusivas* daquele escritor ou daquela escritora cuja assinatura foi utilizada à sua revelia, e sim que essas marcas *também* integram seu estilo. Tomem-se como exemplo as crônicas e os contos do gaúcho Luis Fernando Verissimo, nos quais prevalecem um registro da língua próximo à oralidade, frases curtas, o uso recorrente de diálogos (por vezes, textos quase inteiramente formados por diálogo direto) e o humor como principal efeito a ser alcançado. Há anos, desde a época pré-redes sociais, quando e-mails eram a principal forma de difusão de conteúdo on-line, circulam na internet contos e crônicas que, não contentes em ser à Verissimo, foram transformados em textos *de* Verissimo. (Por quem os escreveu? Por quem os leu? Eis o mistério.)

Tal é o caso da crônica intitulada *Complexidade feminina!* — sim, com exclamação. Um dos resultados mais antigos da busca do Google leva a um blog chamado *Parerga e Paraleponema*¹ e aponta que, em 2005, ela já circulava on-line, com a assinatura de Verissimo. Escrito predominantemente em diálogo direto, o texto retrata uma discussão de casal na qual o homem se apresenta lógico e paciente, enquanto a mulher se mostra estapafúrdia. Em 2014, foi postado no YouTube² um curta-metragem amador no qual esse diálogo é encenado e, sem surpresas, o crédito continua sendo do autor gaúcho, mesmo havendo àquela altura páginas, acessíveis a um google, que denunciavam a falsa autoria.³

Trajetória parecida teve *Diga não às drogas*, outro texto apócrifo asso-

1 <https://parergaeparaleponema.blogspot.com/2005/06/complexidade-feminina-luis-fernando.html>. Acesso em: 22 jul. 2022.

2 <https://youtu.be/9--zVSschvE>. Acesso em: 22 jul. 2022.

3 Um exemplo é a extensa lista de textos falsos atribuídos a Verissimo, publicada em 2006 no site *Recanto das Letras*: <https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/147039>. Acesso em: 22 jul. 2022.

ciado a Verissimo. O título e a abertura sugerem que o leitor está diante de um relato de viciado, prestes a contar como começou consumindo substâncias “leves” e logo passou às “pesadas”, mas rapidamente ocorre a quebra de expectativas: o narrador está falando sobre gêneros musicais “ruins”, isto é, gêneros populares, como o sertanejo, o axé e o funk. Uma das cópias mais antigas que a busca do Google encontrou remete ao ano de 2009, quando é possível encontrar o texto num blog chamado *JotaPêAh!*⁴ — porém o mais surpreendente talvez seja a aparição de uma resenha sobre *Diga não às drogas* na área colaborativa do portal *Brasil Escola*.⁵

O site deixa claro que não se responsabiliza pelo conteúdo postado naquela zona, mas é significativo encontrar um resenhista que se dispôs a publicar num portal educativo um texto que tenta demonstrar como a crônica é mais uma “sacada do humor refinado de Verissimo”, a ponto de vaticinar: “Somente Luis Fernando Veríssimo para ser crítico e bem humorado ao mesmo tempo num dos assuntos mais controversos envolvendo aquela velha máxima do ‘gosto não se discute’.” Esse tipo de comentário ajuda a entender o valor que se pretende dar a um texto por meio da assinatura falsa. Contudo, antes de começar tal discussão, vale mencionar outro acontecimento — talvez o de maior repercussão — envolvendo textos falsamente atribuídos a Luis Fernando Verissimo. Diz respeito à crônica *Quase*:

Ainda pior que a convicção do não e a incerteza do talvez é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi. Quem quase ganhou ainda joga, quem quase passou ainda estuda, quem quase morreu está vivo, quem quase amou não amou. Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas chances que se perdem por medo, nas idéias que nunca sairão do papel por essa maldita mania de viver no outono. Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna; ou melhor, não me pergunto, contesto. A resposta eu sei de cor, está estampada na distância e frieza dos sorrisos, na frouxidão dos abraços, na indiferença dos “Bom dia”, quase que sussurrados. Sobra covardia e falta coragem até pra ser feliz. A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai. Talvez esses fossem bons motivos para decidir entre a alegria e a dor, sentir o nada, mas não são. Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas, os dias seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza. O nada não ilumina, não inspira, não aflige nem acalma, apenas amplia o vazio que cada um traz dentro de si. Não é que fé mova montanhas, nem que todas as estrelas estejam ao alcance, para as coisas que não podem ser mudadas resta-nos somente paciência porém, preferir a derrota prévia à dúvida da vitória é desperdiçar a oportunidade de merecer. Pros erros há perdão; pros fracassos, chance; pros amores impossíveis, tempo. De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma. Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance. Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.⁶

4 <https://jotapeah.wordpress.com/2009/11/25/diga-nao-as-drogas-luis-fernando-verissimo>. Acesso em: 22 jul. 2022.

5 <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/literatura/as-drogas-verissimo.htm>. Acesso em: 22 jul. 2022.

6 Versão tirada do blog *Poética e Cotidiana* e ajustada num único parágrafo: <http://poeticaecotidiana.blogspot.com/2011/04/quase-nao-e-de-luis-fernando-verissimo.html>. Acesso em: 22 jul. 2022. Há diferentes paragrafações para a crônica, inclusive uma que a

Segundo Carvalho (2005), *Quase* circulava pela internet desde 2003 com a assinatura de Luis Fernando Verissimo. E o que a torna digna de nota, destacável em meio a tantos textos falsos atribuídos ao escritor gaúcho, é o fato de ter sido pivô de um imbróglio internacional, relatado pelo próprio Verissimo numa crônica publicada em 24 de março de 2005, em diversos jornais do país.

No artigo, Verissimo (2005a) rememora alguns dos textos que lhe foram erroneamente atribuídos na internet — cita inclusive *Diga não às drogas* —, para então declarar: “Ainda não entendi o recato ou a estranha lógica de quem inventa um texto e põe na internet em nome de outro”. Ele admite que o fenômeno o incomoda, porém alega que é apenas “uma das incomodações menores da internet”:

O incômodo, além dos eventuais xingamentos, é só a obrigação de saber o que responder em casos como o da senhora que declarou que odiava tudo que eu escrevia até ler, na internet, um texto meu que adorara, e que, claro, não era meu. Agradei, modestamente. Admiradora nova a gente não rejeita, mesmo quando não merece (VERISSIMO, 2005a, p. 1).

O texto mencionado pela admiradora era *Quase*, que Verissimo admite que “é, mesmo, muito bom” e cuja fama o acompanha há algum tempo:

Tenho sido elogiadíssimo pelo “Quase”. Pessoas me agradecem por ter escrito o “Quase”. Algumas dizem que o “Quase” mudou suas vidas. Uma turma de formandos me convidou para ser seu patrono e na última página do caro catálogo da formatura, como uma homenagem a mim, lá estava, inteiro, o “Quase”. Não tive coragem de desiludir a garotada. Na internet, tudo se torna verdade até prova em contrário e como na internet a prova em contrário é impossível, fazer o quê? (VERISSIMO, 2005a, p. 1).

Por fim, o escritor narra o mais recente acontecimento envolvendo a relação forçada que se estabeleceu entre ele e aquele texto:

No Salão do Livro de Paris, na semana passada, ganhei da autora um volume de textos e versos brasileiros muito bem traduzidos para o francês, com uma surpresa: eu estava entre Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e outros escolhidos, adivinha com que texto. Em francês ficou *Presque* (VERISSIMO, 2005a, p. 1).

Ao saber dessa história, o jornalista gaúcho Emilio Pacheco decidiu investigar quem era a tradutora de *Presque*. Descobriu que se tratava de Gabriella Scheer, carioca formada em teatro e então radicada na França. De acordo com Pacheco (2006), Scheer tinha à época um projeto chamado *Cenas brasileiras*, que se desdobrava em vários espetáculos cujos textos eram inspirados em autores de seu país. Por ocasião do Ano do Brasil na França, que se realizou em 2005, um editor a convidou a publicar uma pequena antologia brasileira, intitulada *Aller vers...* — a mesma que ela ofereceu a

Verissimo durante o Salão do Livro.

No depoimento a Pacheco, Scheer conta que recebeu o texto por e-mail com a assinatura do escritor gaúcho e que não questionou a autoria. Já na crônica sobre o quiproquó, Verissimo (2005) declara que “gostaria de encontrar o verdadeiro autor do ‘Quase’ para agradecer a glória emprestada”. Coube ao repórter Felipe Lenhart, do *Diário Catarinense*, descobrir quem, afinal, tinha escrito a crônica. Como lembra Carvalho (2005), em texto escrito para o *Observatório da Imprensa*, a matéria de Lenhart, publicada no dia 4 de abril de 2005, apresentava Sarah Westphal Batista da Silva, uma catarinense de 21 anos, estudante de medicina, que gostava de publicar textos em seu blog pessoal. Foi lá que ela publicou *Quase* originalmente, em 2002.

Sarah era estudante de cursinho pré-vestibular quando o escreveu. Em relato ao *Diário Catarinense*, ela revela que a motivação foi “um grande fora” de um rapaz com quem se relacionou por três semanas.

– Na hora em que olhei aquilo escrito no quadro-negro pensei: “meu Deus! eu odeio esta palavra!” – afirma.

Um segundo depois, pôs-se a escrever a crônica *Quase*, como um desabafo e para expurgar a palavra maldita. Afinal, quase houvera um namoro, quase tudo dera certo. Terminado o texto, Sarah passou o caderno às amigas, que leram e gostaram. Um mês depois, encorajada por elogios, deu o mesmo caderno para o professor de redação ler a crônica em voz alta para a turma. Foi um sucesso. As pessoas começaram a pedir o texto. Sarah o enviou por e-mail. A partir daí, não se sabe mais nada (LENHART, 2005, p. 1).

A autora também contou ao jornalista que, três anos depois de escrita a crônica, o resultado já não a agradava. “Acho o texto primário, previsível e o fim é meio brega”. Sarah ainda comenta que já tinha se apresentado, na comunidade dedicada a Luis Fernando Verissimo no Orkut (extinta rede social), como a verdadeira autora de *Quase*, porém “a maioria não acreditou”. Por fim — ironia das ironias — informou que tinha acabado de ver o diploma de formatura que seu antigo colégio deu aos formandos de 2004, o mesmo colégio onde ela escreveu *Quase*, e lá estava o texto, com a assinatura de Verissimo.

Lenhart também entrevistou o escritor gaúcho para essa matéria. Após elogiar a garota e sugerir que ela continuasse escrevendo, Verissimo mais uma vez fala sobre os textos apócrifos atribuídos a ele e, resignado, constata: “Não há nada a fazer. Internet é uma terra de ninguém”. Porém essa constatação, mais do que encerrar o assunto, abre um debate, pois suscita pelo menos duas perguntas: (1) Como explicar a existência e a proficuidade de uma assinatura falsa associando determinado texto a Verissimo? (2) O que motivaria alguém a pôr a assinatura Luis Fernando Verissimo em um texto seu ou de outra pessoa?

Um bom ponto de partida para tentar responder a essas perguntas é a reflexão que Foucault (2009) faz ao aproximar os conceitos de *nome próprio* e de *nome do autor*. Sobre o primeiro ele escreve:

O nome próprio (e, da mesma forma, o nome do autor) [...] é mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém [...]. Quando se diz “Aristóteles”, emprega-se uma palavra que é equivalente a uma descrição ou a uma série de des-

crições definidas, do gênero de: “o autor das *Analíticas*” ou: “o fundador da ontologia” etc (FOUCAULT, 2009, p. 272).

Quanto ao segundo, analisa:

[...] um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso [...]: ele exerce um certo papel em relação ao discurso: [...] indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, [...] uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve [...] receber um certo status.

[...] O nome do autor [...] instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser. [...] Uma carta particular pode ter um signatário, ela não tem um autor [...] Um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor. A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma certa sociedade (FOUCAULT, 2009, p. 274).

E há ainda uma pertinente observação sobre a relação entre autor e narrador, entretecida junto à ideia de *alter ego*:

[...] em um romance que se apresenta como o relato de um narrador, o pronome da primeira pessoa, o presente do indicativo, os signos da localização jamais remetem imediatamente ao escritor [...] mas a um *alter ego* cuja distância em relação ao escritor pode ser maior ou menor e variar ao longo mesmo da obra. Seria igualmente falso buscar o autor tanto do lado do escritor real quanto do lado do locutor fictício [...]. Na verdade, todos os discursos que possuem a função autor comportam essa pluralidade de ego. [...] a função autor atua de tal forma que dá lugar à dispersão desses [...] egos simultâneos (FOUCAULT, 2009, p. 278-279).

Com base em tais considerações, talvez seja cabível supor que a existência das assinaturas falsas na internet se deva à capacidade de o nome do autor dar lugar a vários egos simultaneamente — dar lugar a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar. Em tal contexto, a proficuidade de uma assinatura falsa seria explicada por sua capacidade de atribuir valor a um texto. Ela o tiraria do plano ordinário e o inseriria no plano literário, no qual o texto poderia gozar de todo o prestígio que o rótulo *literário* é capaz de oferecer.

A produtividade da assinatura de um escritor ou de uma escritora de renome talvez seja especialmente útil na internet, na medida em que o nome do autor instaura hierarquia num universo que, pelo menos em algum momento do passado recente, foi idealizado como lugar propício à horizontalização de discursos. Um ambiente que, marcado pelo traço da horizontalidade, poderia estar fora ou à margem do que Barthes (2004) chamou de *Império do Autor*, e assim se tornar um espaço onde “é a linguagem que fala, não o autor; [...] só a linguagem age, ‘performa’, e não ‘eu’” (BARTHES, 2004, p. 59). Noutras palavras, a internet, pelo menos na visão romantizada que se tinha dela até a primeira década do século XXI, seria como um sonho barthesiano: estaria tão livre de autores quanto a república de Platão, livre de poetas. Ou ainda, seria como a parede citada por Foucault: um suporte para textos que têm criadores, mas não autores.

Textos dessa natureza — sem a assinatura de autor — são mais vulneráveis, passíveis de serem apropriados por qualquer sujeito e — o que é

mais significativo — aptos a sofrerem intervenções do leitor. Isso nos leva à segunda pergunta colocada alguns parágrafos acima: o que motivaria alguém a pôr a assinatura Luis Fernando Verissimo em um texto seu ou de outra pessoa? Uma hipótese possível parte da ideia de *performance do leitor*.

Ao discutir a mimese, Compagnon (1999) avizinha esse conceito clássico da teoria literária da noção pós-moderna de performance, compreendida como produção de sentido. Mas não só isso. A performance seria uma produção que não se restringe ao plano do intelecto. Em sua base, estaria a ideia freudiana de *recalque* — o que é ocultado não some, retorna como sintoma. E como o sintoma extrapola a ordem do racional, a própria noção de performance também o faria. Nesse contexto, Compagnon aproxima o conceito de performance da ideia de mimese apresentada por Ricoeur (1994), entendida não como mera representação do que já está dado no mundo, mas como *imitação criadora* que constitui, amplia, reinventa o próprio mundo de que trata, o mundo humano. Especificamente, é no poder catártico que a noção de performance da arte sublinha e no poder criativo que a noção ricoeuriana de mimese sustenta que ambos os conceitos se aproximam. Tal produção, por certo, demanda um agente — um sujeito. Não o autor que Barthes (2004) quis apagar, mas um sujeito visto em suas dimensões descentralizada e pluralizada, como se vislumbra em Klinger (2006), Santiago (2008) ou Maca (2016).

Partindo de tais conceitos, gostaria de argumentar o seguinte: por mais que na idealização mitológica da internet se tenha insistido na horizontalização dos discursos, na prática os sujeitos que habitam esse microcosmo são os mesmos que vivem em uma cultura hierarquizadora de discursos. Sendo assim, a internet (idealizada) pode ter provocado um recalque do desejo de valorar *meu* discurso. E valorar meu discurso é também uma forma de valorar a mim próprio, em se considerando que somos sujeitos da linguagem. Nesse quadro, forjar a assinatura de um autor de renome na internet é dar prestígio a um texto que, por fazer sentido para mim, fala de mim — seja eu o autor real dele ou apenas seu leitor. Isso de certo modo também revela um desejo de proteger o texto que me é caro da proliferação de sentido, das intervenções, das transmutações que ele pode sofrer por outros leitores, como texto sem autor.

A performance da assinatura falsa permitiria ao *eu* o desrecalque do desejo de me valorar pelo texto, com base no entendimento de que *meu* valor se estende à (e depende da) valorização dada pelo *outro* àquilo que faz sentido para mim. Nela, em vez de explicitar meu trajeto de leitura, ou seja, em vez de realizar o trabalho de *construção* de valor literário, tal qual feito pelo crítico, tomo um atalho — ao mesmo tempo em que busco uma forma a princípio sólida, garantida, incontestável de obter dos outros o reconhecimento (ou algum reconhecimento) do valor do texto com o qual me importo tanto. Então o promovo por meio de uma forma curiosa de imitação criadora: imitando a assinatura de um prestigiado criador de textos, para que o sentido-valor que eu atribuo ao texto que a recebe possa ir além de mim.

Essa assinatura falseada é a materialização da morte do autor de que fala Barthes, do autor como origem do sentido, pois seu intuito não é tanto remeter a uma fonte única de sentido, e sim se valer da sacralização do autor, ou melhor, da função autor. Noutras palavras, a assinatura falsa busca

garantir certo status (valor do rótulo literário) a um “texto de internet”, sem necessariamente deslegitimar a possibilidade de que se façam várias leituras dele.

Se até aqui a argumentação faz sentido, o que se evidencia é que matar o autor pode vir a gerar uma briga por seu espólio entre seus herdeiros: os leitores. E assim como numa briga de herança, o nome do morto vira argumento da satisfação de *meus* interesses. No âmbito dos textos, para assegurar a prevalência de certo sentido-valor que é *meu* enquanto leitor (ou escritor amador, não reconhecido), eu ainda preciso do nome do autor. Talvez isso se encaixe no que Foucault (2009) chama de “singularidade paradoxal do nome do autor”, expressão que não chega a definir, mas que pode se referir à seguinte dinâmica: o nome do autor garante de antemão a um texto o status literário. Esse status, por sua vez, impele o leitor a tratar o texto como manifestação da linguagem carregada de mais significados do que o ordinário. O reconhecimento consciente ou inconsciente dessa dinâmica talvez explique por que leitores (ou escritores que ainda não detêm um nome de autor, mas são leitores de quem os detêm) aplicam assinaturas falsas a textos que circulam pela internet.

Um outro ponto a não perder de vista é que o *eu* se constitui a partir do *outro*. Um *outro* que, segundo a teoria de base lacaniana⁷, não é um outro alcançável efetivamente, mas uma imagem do *outro* que o próprio *eu* concebe para construir sua(s) identidade(s). Portanto, a assinatura do autor que eu utilizo não deixa de ser um referencial para a construção do meu próprio *eu*. Escolher Verissimo, ou Clarice, ou Jabor, é também um ato de demarcação identitária, considerando-se toda a liquidez que as identidades têm hoje e lembrando que a identidade, em último instância, é o mecanismo que nos permite produzir sentido para nós mesmos.

Num espaço como a internet, que por tanto tempo pareceu o mundo pós-morte do autor, vimos surgir o *altor* (de *alter*, outro + *-or*, sufixo que exprime ideia de agente), produção performática de leitores (e escritores) como aqueles que colaram a assinatura de Verissimo a *Quase* e a tantos outros textos, no intuito de decidir eles próprios o que fazer com o capital simbólico dessa assinatura, isto é, com o espólio do autor.

Referências

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: ____. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira; revisão de Andréa Stahel M. da Silva. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

CARVALHO, Marinilda. Mistério resolvido. **Observatório da Imprensa**, n. 323, 5 abr. 2005. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/misterio-resolvido>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁷ Para uma discussão de como as noções de registro, de pequeno Outro e de grande Outro, presentes no pensamento de Lacan, tornam mais complexa a premissa de que o eu se constitui numa relação de identidade e diferença com o *outro*, cf. Fernandes (2016), seção 3.2.2.2.

COMPAGNON, Antoine. O mundo. *In: ___*. **O demônio da teoria**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 97-138.

FERNANDES, Breno. **Tradução, alteridade & relações de poder em *An invincible memory*, de João Ubaldo Ribeiro**. 2016. 217 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? *In: ___*. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. 2006. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006. p. 31-40.

LENHART, Felipe. Jovem escritora “quase” famosa. **Diário Catarinense**, 4 abr. 2005. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/misterio-resolvido>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MACA, Nelson. **Manifestação da literatura divergente ou manifesto encruzilhador de caminhos**. Disponível em: <http://universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/manifestacao-da-literatura-divergente-ou-manifesto-encruzilhador-de-caminhos>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PACHECO, Emilio. **Um ano de “Presque”**. 30 mar. 2006. Disponível em: <http://emiliopacheco.blogspot.com/2006/03/um-ano-de-presque.html>. Acesso em: 22 jul. 2022.

RICOEUR, Paul. O tecer da intriga: uma leitura da Poética de Aristóteles. *In: ___*. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994. p. 55-84.

SANTIAGO, Silvano. Meditação sobre o ofício de criar. *Aletria*, v. 18, p. 173-179, 2008. Disponível em: <http://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18216>. Acesso em: 20 out. 2016.

VERISSIMO, Luis Fernando. “Presque”. **Zero Hora**, 24 mar. 2005. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/misterio-resolvido>. Acesso em: 22 jul. 2022.

Leitura

Nº 78 Ano 2023

SET / DEZ 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 4-13